



ENTRE O OBSCURO E O INVISÍVEL: DESVENDANDO O UNIVERSO TRANSEXUAL E TRAVESTI NA ESCOLA ESTADUAL SÃO JOSÉ (CARPINA/PE)

Dayvison Leandro dos Santos¹

Por uma escola sem armários: diversidade sexual e educação

A escolha da temática orientação sexual como sustentáculo para a elaboração do plano de intervenção na Escola Estadual São José (Carpina/PE) resulta de uma carência desta discussão no espaço escolar tradicional permeado por uma ideologia de segregação e que reproduz práticas discriminatórias no tocante ao machismo e homofobia. Embora a orientação sexual faça parte dos temas transversais previstos nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), a inclusão desta temática, quando feita, não garante o respeito à equidade de gênero e a diversidade sexual limitando-se ao caráter “biológico” da sexualidade.

Na “contra-mão” das conquistas obtidas em âmbito legal, o sistema educacional ainda legitima uma “educação sexual do silêncio”, conservando a temática na esfera do proibido e considerando como transgressora qualquer manifestação das/dos estudantes que remetam ao assunto. O silêncio proporciona a construção de fantasmas e fortalecem os tabus sexuais: não se discute a essência destas manifestações, tais como a própria descoberta destas crianças e adolescentes em relação ao seu corpo, período de intensas angústias, conflitos e dúvidas (BARBOSA, 2007).

Desta forma, questões como diversidade sexual ainda não encontraram seu lugar na formação estudantil, reflexo de uma sociedade permeada pela “moral” e pelo conservadorismo que descarta um olhar atento sobre as diversas expressões da sexualidade e não problematiza os estereótipos sexuais. Analisando alguns comentários ditos em sala de aula e nas “brincadeiras” tão corriqueiras no recreio, constatamos um alto índice de discriminação referente às diversas “facetas” da sexualidade, sinalizando o desconhecimento/ desrespeito das singularidades e o fortalecimento de estigmas.

Tal inquietação motivou a construção de um plano pedagógico articulado à disciplina de Educação em Direitos Humanos, ofertada aos estudantes da 3ª e 4ª fase da Educação de Jovens e Adultos (EJA) durante o segundo trimestre de 2010. Identidade sexual, transformação no corpo,

¹ Especialista em História do Nordeste (UPE/Ffpm). E-mail: dayvisonleandro@hotmail.com



troca de nome social e mercado de trabalho foram os eixos norteadores das discussões travadas em sala de aula, potencializando a quebra do silêncio e da obscuridade. Desta forma, o presente artigo pretende relatar a experiência desenvolvida neste espaço sócio-educativo, intercalando a fundamentação teórica com o discurso do alunado no decorrer da implantação da referida proposta pedagógica.

Sopa de letrinhas: quem é quem no movimento LGBT?

Como já mencionada, a orientação sexual deve ser um assunto trabalhado em sala de aula, de forma transversal. O discurso heteronormativo é perceptível na chamada “educação sexual”, legitimando a relação homem-mulher como algo natural, um modelo a ser seguido. De forma violenta, impõe-se a heterossexualidade monogâmica, procurando ignorar/aniquilar qualquer comportamento que contrarie este paradigma. Compreendendo a importância de ampliarmos esta visão estreita e preconceituosa, apresentamos a diversidade sexual em suas variantes, possibilitando uma melhor compreensão das/dos estudantes sobre a identidade sexual enquanto construção social.

Apesar de não quisermos rotular ou dividir a sexualidade em categorias “inflexíveis”, buscamos apresentar as diversas formas desta construção: gays, lésbicas, bissexuais, transexuais e travestis, dando mais ênfase às duas últimas pelo alto índice de desconhecimento entre o alunado, gerador de intensos equívocos e discriminações.

O termo “gay” deriva do inglês e significa alegre, feliz. É utilizado para se referir as pessoas homossexuais do sexo masculino, mas também é muito comum que se use a palavra *gay* para referir-se a homens e mulheres homossexuais ou bissexuais (porém essa utilização não é muito aceita, pois indicaria uma possível invisibilidade das lésbicas e bissexuais).

Segundo Naphy (2006, p. 13), “*gay* não é uma característica essencial da pessoa, antes um modo de definir e categorizar (mesmo rotular) o indivíduo pelo seu comportamento”. Por ser o termo mais utilizado para se referir as pessoas homossexuais, o termo *gay* é o termo que os/as estudantes mais utilizam de forma pejorativa, através de novas roupagens tais como “viado”, “bicha” e “frango”.

A contextualização histórica da gênese do termo “viado” foi um ponto interessante no processo educativo, afinal muitos utilizavam a expressão sem reconhecer o sentido da mesma. A palavra adquiriu força no linguajar popular, sendo aplicado aos efeminados após uma perseguição policial no Rio de Janeiro nos anos de 30. Os homossexuais conseguiram escapar de tal repressão por correrem como veados, segundo relato da milícia. Por estar relacionado a esse animal no jogo



do bicho, o número 24 também passara a ser considerado uma forma de insinuar que a pessoa era homossexual. Após situar historicamente a origem do termo, enfatizamos que o uso dos mesmos na contemporaneidade perpetua uma prática de violência histórica a este segmento que ainda luta bravamente por uma equiparidade de direitos.

Já o termo “lésbica” é utilizado para designar mulheres que se relacionam afetivamente ou sexualmente com outras mulheres. Inicialmente esse termo era utilizado para referir-se às habitantes da ilha de Lesbos, na Grécia. Constatamos que muitas/os estudantes sentiam dificuldade em pronunciar o termo, afirmando ser “mais fácil chamar sapatão (sic)”, expressão popular dos anos 70 vinculada ao uso de sapatos “masculinos” pelas lésbicas.

A homossexualidade, assim como o debate acerca da mesma, não é algo novo na sociedade, porém nos últimos anos essa discussão “vem ganhando cada vez mais espaço (...) despertando novas inquietações, dilemas e mitos” (PRADO & MACHADO, 2008). Uma dessas inquietações trata-se do significado da homossexualidade, afinal não existe um conceito único para o termo. Segundo Fry & MacRae (1983, p. 7), “a homossexualidade é uma infinita variação sobre um mesmo tema: o das relações sexuais e afetivas entre pessoas do mesmo sexo”, podendo ser considerada “uma coisa na Grécia Antiga, outra coisa na Europa do fim do século XIX (...)”.

Nos debates travados em sala de aula, um mito muito comum a respeito da homossexualidade e do processo de afirmação desta era o de pensar que algumas pessoas se “tornam” ou “viram” homossexuais no transcorrer da vida, o que não é verdade já que a homossexualidade é algo natural e ninguém pode levar outra pessoa a ser homossexual (ou heterossexual).

Normalmente o que acontece é que, antes de assumir sua orientação sexual, os homossexuais se vêem forçados a ter relações com pessoas do sexo oposto (por diversos motivos, como preconceitos da família, sociedade ou religião) chegando até a se casar e ter filhos com essa pessoa do sexo oposto e “na grande maioria das vezes acabam levando uma vida dupla” (PICAZIO, 1999). Porém, com o passar do tempo, alguns desistem desse relacionamento e acabam assumindo a homossexualidade.

As pessoas bissexuais são aquelas que sentem atração física pelo sexo masculino e feminino ao mesmo tempo. Da mesma forma que a homossexualidade e a heterossexualidade, a bissexualidade é uma orientação afetivo-sexual passível de ser agregada às identidades das pessoas (AUGUSTO, 2008). Em contrapartida, predominava, no discurso estudantil, uma concepção de



bissexualidade atrelada ao indefinido, uma pessoa que “não sabe o que quer” por manter relações com homens e mulheres, exercendo uma “vida dupla”.

Transexual é uma pessoa que não se identifica com o seu sexo biológico, ou seja, um ser que nasce com o aparelho reprodutor masculino, mas que não se sente ou se reconhece como homem, mas como uma mulher. Através da exposição deste conceito, muitos estudantes simplificaram tal condição através da expressão: “alma de mulher presa em um corpo de homem”.

Existem dois tipos de transexual: a transexual mulher (aquele que nasce macho e se identifica como mulher) e o transexual homem (aquele que nasce fêmea e se reconhece como homem), sendo mais freqüente e visível a ocorrência de transexuais mulheres.

Geralmente a transexual não se reconhece como pertencente ao seu sexo biológico desde a infância, mas nem sempre essa pessoa entende o que é a transexualidade e acaba entrando em um “choque de identidade” no período da adolescência, ocasionando em alguns casos, o suicídio. Por isso, a inserção desta discussão no ambiente escolar é essencial para o reconhecimento desta identidade a ser construída, amenizando as angústias e incertezas.

A transexualidade é caracterizada basicamente pelo desconforto persistente e crônico em relação ao próprio sexo anatômico, chegando a repulsa. Esta sensação deve ser percebida por um período mínimo de dois anos consecutiva e constantemente para que o “diagnóstico” seja correto. Além deste desconforto, segue uma sensação inabalável de ser do sexo oposto, sensação esta que determina que o indivíduo exerça o papel de gênero característico do sexo percebido. Esta convicção de ser do sexo oposto leva o transexual a agir conforme o considerado adequado a este sexo, vestindo-se, ingerindo hormônios sexuais para amenizar as características secundárias do sexo biológico e desenvolver características sexuais secundárias do sexo “desejado” [...]².

Por causa desse desconforto com seu sexo de origem é que o transexual possui o desejo de realizar a cirurgia para mudança de sexo e conseguir um “sexo que corresponda a sua mentalidade” (MORMONT, 2003). Tratando-se de transexuais, percebemos uma tendência das/dos estudantes em classificá-las como homossexuais, sendo esta uma concepção equivocada: a transexual não necessariamente é uma pessoa homossexual, pois a transexualidade não está vinculada a orientação sexual.

Já travesti é uma pessoa que exerce e interage com a sociedade através de características físicas ou psico-sociais construídas historicamente para o sexo oposto:

As travestis costumam dividir o processo de transformação em algumas etapas: (1) quando ainda se é “gayzinho” (classificação do grupo), ou seja, já se assumiu para familiares e para “a sociedade” (como elas dizem, ou seja, um conjunto mais abrangente de pessoas) sua orientação sexual, mas ainda não se vestem com

² CUNHA, Sheila Cunha da. *O transexual em busca da cidadania*. In: *Âmbito Jurídico*, Rio Grande, 31/08/2007, p.44. Disponível em: <http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=4412>. Acessado em: 01/10/2009.



roupas femininas ou ingerem hormônios. Segue-se, então, (2) a fase do “montar-se”, o que significa, no vocabulário próprio do universo homossexual masculino, vestir-se com roupas femininas, maquiar-se de forma a esconder a marca da barba, ressaltar maçãs do rosto, evidenciar cílios e as pálpebras dos olhos, além da boca. Vestir-se com roupas femininas ainda é, nessa etapa, algo ocasional, restritos a momentos de lazer ou noturnos, de tom furtivo. O terceiro momento é o da (3) “transformação”. Esta é uma fase mais nuançada, pois tanto pode envolver apenas depilação dos pêlos do corpo e vestir-se cada vez mais freqüentemente como mulher, como pode indicar o momento inicial de ingestão de hormônios, quando estes ainda não mostraram efeitos perceptíveis; e finalmente, a quarta etapa, quando já se é (4) travesti. Pois além do consumo de hormônios, vestem-se todo o tempo com roupas femininas (sobretudo roupas íntimas, pois se pode estar de shorts, sem camisa, mas de calcinha) e, no mínimo, já se planeja injetar silicone nos quadris³.

“Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é”: transformação no corpo

Na constante busca de adquirir e aperfeiçoar as formas femininas, as travestis e transexuais se submetem a diversos tipos de procedimentos para modelar seus corpos e garantir as curvas. Assim, as transformações feitas no corpo são imprescindíveis para que elas consigam a aparência feminina e afirmem sua identidade como mulher.

Durante a adolescência tem início as primeiras mudanças a serem feitas e mesmo antes de assumir-se para a sociedade a travesti e a transexual começam a afinar a sobrancelha, fazer as unhas, usar o cabelo comprido, etc. Ainda na adolescência, os hormônios constituem, por diversos motivos, o meio mais utilizado para realizar as transformações no corpo. Um desses motivos é a facilidade em adquirir o produto, pois na hora da compra nenhuma farmácia exige a prescrição médica para vender o produto.

Iniciar a utilização dos hormônios ainda na puberdade garante a aquisição das formas femininas com maior facilidade, pois impede que o hormônio masculino aja no corpo e que características como a voz grossa e desenvolvimento dos pêlos da barba e de outras áreas ocorra em menor quantidade.

O silicone é utilizado quando se quer adquirir as formas desejadas mais rapidamente ou quando a ingestão de hormônio começa na fase adulta e já não faz muito efeito. Como as travestis e transexuais são, geralmente, muito vaidosas, elas sempre querem aplicar prótese de silicone e fazer cirurgias plásticas, mas esses procedimentos custam muito dinheiro e são poucas as travestis e transexuais que podem pagar caro para colocar próteses de silicone nos seios, nádegas, pernas, queixo, etc.

Como consequência, elas recorrem ao uso do silicone industrial que é muito perigoso, pois pode causar infecção e levar até a morte. Além disso, o processo é muito doloroso do início ao fim,

³ PELÚCIO, Larissa Maués. “*Eu me cuido, mona*”: saúde, gênero e corporalidade entre travestis que se prostituem. Disponível em: <http://www.clam.org.br/pdf/travestis_clam.pdf>. Ano: 2007, p.06. acessado em: 22/06/2009.



pois o produto é um tipo de gel muito grosso aplicado através de várias injeções e sem nenhum tipo de anestesia prévia pelas chamadas “bombadeiras”.

Outra questão abordada na transformação do corpo é o processo de transgenitalização, sendo este um desejo das transexuais. A cirurgia para mudança de sexo pode ser feita pelo Sistema Único de Saúde (SUS), não sendo disponível em todos estados do país, além de haver uma longa uma fila de espera. Desta forma, destacamos o quanto a saúde pública encontra-se despreparada no trato a questão das travestis e transexuais, principalmente no tocante a implantação de silicone, terapia hormonal e transgenitalização, sendo necessário um olhar mais atento para as especificidades deste segmento proporcionando uma efetivação de um sistema de saúde que garanta a pluralidade e o respeito aos usuários.

Porém, se trabalhamos em sala de aula os limites é necessário destacar também os avanços através das conquistas obtidas. Para isso, utilizamos alguns folhetos elaborados pelo Ministério da Saúde direcionados aos profissionais da área sobre a questão das travestis e transexuais, mostrando alguns progressos atrelados ao programa “Brasil sem Homofobia” (2004). Desta forma, os estudantes tiveram a possibilidade de analisar o discurso do mesmo, relacionando com o conhecimento adquirido em sala de aula.

Troca do nome social: por uma chamada escolar sem constrangimento

O terceiro eixo abordado na execução do plano pedagógico foi a troca do nome social, direito garantido no caso da saúde, em que a portaria nº 675, de 30 de março de 2006, aprova a Carta de Direitos dos Usuários da Saúde e garante, no seu terceiro princípio, a todo cidadão, inclusive as travestis e transexuais, o direito ao atendimento acolhedor e livre de discriminação, além do direito de terem em seus prontuários de atendimento o nome pelo qual preferem ser chamados, ou seja, seu nome social. Assim a luta é para que esse seja um direito estendido a todos os espaços da sociedade.

No âmbito escolar, por exemplo, a evasão das travestis e transexuais ocorre, na maior parte dos casos, por conta do constrangimento sofrido por ser chamada pelo nome que não corresponde à sua imagem. Para as transexuais, a mudança de nome é fundamental para que ela possa fortalecer sua identidade como mulher. Porém, só após a cirurgia de transgenitalização é que ela tem o direito de mudar seu nome, e em sua documentação ficará registrada como mulher transexual.

Se o alto índice de evasão escolar deste segmento é resultante do despreparo do dito espaço educativo para o trato desta questão, poucas são as ações desenvolvidas neste espaço para o



combate de práticas discriminatórias. Percebemos que grande parte do alunado mostrou-se favorável a possibilidade da troca do nome social, sendo frequente o argumento de que “cada um deve ser chamado daquilo que se sente melhor”. Em contrapartida, alguns apresentaram um discurso contrário a troca, salientando que é uma questão de “ordem burocrática”.

Joga pedra na Geni?: travestis, transexuais e mercado de trabalho

O baixo índice de escolaridade atrelado ao preconceito dos que selecionam os (as) candidatos (as) aos postos de trabalho dificulta a inserção de travestis e transexuais no mercado formal. Muitos estudantes, principalmente do sexo masculino, confessaram que não empregariam travestis e transexuais pelo repúdio da clientela a este segmento, ocasionando um prejuízo comercial. Desta forma, percebemos a “transferência do preconceito”: sempre a culpa é do “outro” que não sabe lidar com as diferenças, camuflando o preconceito que existe dentro de si.

Uma das possibilidades de ingresso no mercado de trabalho ocorre através dos concursos públicos, porém o baixo nível de instrução da maioria deste segmento torna-se uma barreira para atingir tal conquista. Desta forma, resta à maioria das travestis e transexuais viver na chamada margem da sociedade, aderindo à prostituição e tornando-se vulnerável as mais diversas formas de violência, sobretudo proporcionada pelos policiais.

Nos chamados pontos de batalha, as travestis vivenciam múltiplas expressões de humilhação, respaldadas pela ideologia de que as mesmas são cidadãs de segunda categoria, não merecendo assim qualquer consideração. Extorsão, estupro e assassinato são atos corriqueiros de uma força policial despreparada e corrompida. Como consequência, grande parte dessas agressões e crimes ficam sem solução, pois os assassinos não são encontrados (e na maioria das vezes não são nem mesmo procurados) além de voltarem a praticar os mesmos crimes. Frequentemente fica sem punição, também, o tráfico de seres humanos com fins de exploração sexual que é uma prática criminosa que atinge as travestis e transexuais.

Os laços familiares de alguns estudantes com policiais enriqueceu o debate, através do relato de casos envolvendo agressão a travestis. Muitos afirmaram que os policiais envolvidos neste crime desconhecem as particularidades deste segmento e não as enxergam enquanto detentoras de direitos. Outro fator agravante é a perspectiva do sistema judicial ao culpabilizar as vítimas, casos essas sejam travestis ou transexuais.

Considerações Finais



A efetivação desta proposta pedagógica foi enriquecedora, pois tratar sobre o universo das travestis e transexuais é percorrer um universo marcado pela ignorância do senso comum, pensamento este que não se encontra restrito apenas no chamado "povo sem escolaridade", mas que também faz parte da comunidade escolar.

O obscuro, muitas vezes, assusta. E este, talvez, foi o nosso maior desafio: encarar um mundo que não é contemplado no universo escolar, um assunto desconhecido por grande parte da população, que desrespeitam as identidades de travestis e transexuais, perpetuando uma prática de segregação.

A forma como cada um expressa sua sexualidade é algo muito pessoal e por isso não existe sexualidade correta nem errada. Dessa forma, ao possibilitar um contato ainda que teórico com outras expressões afetivas-sexuais, percebemos os estudantes perceberam o quanto estas "bonecas" não são frágeis. Pelo contrário, a força que cada uma carrega dentro de si é do tamanho dos tabus e preconceitos que as mesmas enfrentam.

Frágil mesmo são as (pseudo) concepções sobre essas pessoas, considerando que basta uma aproximação, um olhar atento, para que a concepção dos estudantes, herdada do imaginário social, seja estraçalhada pela plenitude e força pela defesa dos direitos humanos. É uma causa que soa como um grito desesperado dos quem tem sua voz e vez abafada por uma escola que vive ditando normas, padrões.

Por isso, este trabalho é uma forma de estimular a produção de um novo olhar sobre essas pessoas, que não são dignas de pena. Pois, penoso é reconhecer o quanto a escola e a sociedade em geral, desconhece tal realidade e a julga com tanta "propriedade". É penoso observar o quanto estamos mergulhados na hipocrisia e na ignorância, mesmo nos reconhecendo como civilizados, educadores, educandos. Deixamos este convite: é preciso lutar para que a escola saia do armário da ignorância e do senso comum que lhe impede de reconhecer nas transexuais e travestis, um sujeito histórico e detentoras de direito.

Bibliografia

AUGUSTO, Antônio. *Duas formas de amar - A afirmação de uma identidade política bissexual*. Disponível em: <<http://www.todaformadeamor.com.br/v2/artigo.php?id=120>>. Acesso em: 02/10/2009.

BARBOSA, Laura Monte Serrat. *Temas transversais: Como Utilizá-los Na Prática Educativa?* Curitiba: Ibplex, 2007.



CUNHA, Sheila Cunha da. *O transexual em busca da cidadania*. In: *Âmbito Jurídico*, Rio Grande, 31/08/2007, p.44. Disponível em: <http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=4412>. Acesso em: 01/10/2009.

FRY, Peter. & MACRAE, Edward. *O que é homossexualidade?* São Paulo: Brasiliense, 1983

MORMONT, Cristhian. *Transexualismo*. In: *Psico UTP Online – Revista Eletrônica de Psicologia*. n° 03, Curitiba, outubro de 2003. Disponível em: <<http://www.utp.br/psico.utp.online/site3/index.htm>>. Acesso em: 01/10/2009.

NAPHY, William. *Born to be Gay – A História da Homossexualidade*. Lisboa: Almedina, 2006.

PELÚCIO, Larissa Maués. “*Eu me cuido, mona*”: *saúde, gênero e corporalidade entre travestis que se prostituem*. Disponível em: <http://www.clam.org.br/pdf/travestis_clam.pdf>. Ano: 2007, p.06. Acesso em: 22/06/2009.

PICAZIO, Cláudio. *Sexo secreto: temas polêmicos da sexualidade*. São Paulo: GLS, 1999.

PRADO, Marco Aurélio Máximo. & MACHADO, Frederico Viana. *Preconceitos contra homossexualidades: a hierarquia da invisibilidade*. São Paulo: Cortez, 2008.